

Quais os rumos da bioética?

Marcos de Almeida

Almeida M. Quais os rumos da bioética? Saúde, Ética & Justiça. 2012;17(1):91-2.

RESUMO: O autor descreve sua crescente preocupação com os próximos passos do pensamento bioético e enfatiza a necessidade de se manter um compromisso com os problemas legítimos do nosso mundo, ao invés de se ceder à atração de alguns tópicos que chamam mais a atenção, mas podem ser eventualmente fúteis.

DESCRIPTORIOS: Bioética.

Será que a Bioética completará 42 ou 84 anos com os mesmos olhos de 1970 ou de 1928? A imaginária ponte de Van Reassler Potter (ou o imperativo bioético de Jahr) tem cumprido sua almejada utilidade inicial? Quais assuntos têm freqüentado o cume da agenda em Bioética? Algumas matérias importantes estarão sendo relegadas a planos muito secundários da consideração dos bioeticistas? Ou mesmo simplesmente ignoradas? Em outras palavras: as inquietações humanas mais prementes têm sido alvo das indagações bioéticas, ou seus objetos de percepção restringem-se a alguns pontos específicos, julgados, de forma algo pretensiosa, como os únicos dignos de reflexão?

Como alguém que se preocupa, reflete, leciona, lê e escreve Bioética, uma das coisas

que mais têm chamado minha atenção é que os artigos que, caracteristicamente, atraem mais a dedicação dos editores (e também dos leitores), são aqueles que tocam nos aspectos, digamos, mais “glamourosos”, mais “quentes” e mais “charmosos” da Bioética.

Alguns pesquisadores, que são movidos mais pelo fulgor midiático do que pela sensibilidade moral, já perceberam que, se tencionam receber recursos e atrair olhares para seus trabalhos, devem focar, preferencialmente, em assuntos como biologia molecular, manipulação genética, clonagem, células-tronco e neuroética. Esse é o tipo de “cardápio” que se autopromove e que, literalmente, VENDE-SE, com retorno e sucesso garantidos.

Não faz tanto tempo assim, os investigadores

Professor da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp.
e-mail: marcosal01@hotmail.com

que se debruçavam sobre o panorama do dia a dia, para examinar os assuntos éticos na área da saúde, tinham outras preocupações. Nos últimos vinte anos do milênio passado, o exame das questões éticas em cuidados paliativos, por exemplo, geravam centenas de artigos, na medida em que, juntos, profissionais da saúde, juristas e filósofos focavam em tópicos tais como a licitude e a eticidade da suspensão de líquidos e nutrientes, diretivas antecipadas de não reanimação, definição e conceito de morte, decisão pelo representante legal, suicídio assistido e futilidade terapêutica. Não é que os especialistas tenham abandonado tais tópicos, mas eles, claramente, perderam o colorido da novidade, o encanto inicial. Os olhos começaram a se voltar para os próximos grandes temas, como NEUROÉTICA e TECNOLOGIAS GENÉTICAS, supostamente na iminência de nos arremessar em um fantástico “futuro pós humano”.

Em contrapartida, os bioeticistas, muito raramente tocam nos assuntos (pálidos, aborrecidos e indigestos) da violência urbana, ainda que existam evidências irrefutáveis da ligação íntima entre violência, educação, pobreza e saúde humana. Apesar de médicos, epidemiologistas e especialistas em Saúde Pública tratarem a violência, a pobreza, a inexistência de educação, de saneamento básico, a carência de moradia, a falta de emprego e a quebra dos vínculos comunitários como matéria de suma importância, tais assuntos ficam, em regra, muito distantes da tela dos *GPSs* dos medalhões da bioética.

Os bioeticistas, mais comumente, escrevem sobre os assuntos que afloram nas comunidades desenvolvidas e suas definições de recursos e alocação de prioridades, portanto, refletem as situações particulares desses mesmos locais. A análise equilibrada da globalização e da iniquidade internacional quanto ao acesso a bens fundamentais (tais como saúde, comida, saneamento, água limpa, educação e moradia minimamente adequadas) é rara, e só episodicamente comparece como conteúdo no nível crítico transnacional.

Talvez agora, com a grave crise internacional batendo à porta de todos, sem distinção, os bioeticistas comecem a achar que tais assuntos não passam tão longe assim de suas próprias comodidades, ou não são meramente da competência exclusiva dos especialistas em macro-economia e que SÃO, SIM, QUESTÕES BIOÉTICAS. Na verdade, é provável (e desejável) que mais e mais bioeticistas comecem a se dedicar a estas questões, que nos parecem bem mais importantes do que a trivialidade de alguns tópicos favoritos da “moda bioética”. Corremos o sério risco de transformar a Bioética em mera fonte de entretenimento, em exercício fútil de elegante, mas talvez estéril, argumentação intelectual.

Por outro lado, é imperioso que não percamos a seriedade e o equilíbrio, e que não cedamos às armadilhas ideológicas dos “furiosos” de plantão, para não sermos acometidos da pior doença que assola a raça humana nos três ou quatro últimos milênios: a hemiplegia mental.

Almeida M. Saúde, Ética & Justiça. 2012;17(1):91-2.

ABSTRACT: The author summarizes his increasing worries on the next steps of bioethical thinking and emphasizes the strong need to keep in pace with the legitimate problems of our world, instead of the apparent attractiveness of some colourful, but maybe futile, topics.

KEYWORDS: Bioethics.

Recebido em 16/10/2012
Aprovado em 30/10/2012